

OVIDIO, *Cartas desde el Ponto*. Introducción, texto de los libros I, III y IV, traducción y notas preparados por Ana Pérez Vega; texto y traducción del libro II preparados por Francisco Socas Gavilán. Madrid, Alma Mater, 2000. LIV + 252 pp. ISBN 84-00-07818-7

Depois de dedicar a tese de doutoramento à edição e comentário do livro II das *Epistulae ex Ponto* (Universidade de Sevilha, 1987), Ana Pérez Vega alarga o seu trabalho aos restantes livros, confiando agora a edição e tradução do livro II a Francisco Socas Gavilán.

Na Introdução (pp. XIII-XLVII), dada a abundância de materiais, restringe-se a biografia aos dados pertinentes para a contextualização da obra em causa, no momento histórico e na produção literária de Ovídio. Seguidamente, passa a A. a discutir problemas internos à obra. A ordenação das composições implica o estudo não só de possíveis construções simétricas tentadas pelo poeta, mas também da datação de alguns textos em particular. Este sector é tanto mais necessário quanto o é o capítulo relativo à transmissão textual. Opta a A. por se referir apenas aos manuscritos que toma por fundamentais (pp. XXXVIII-XLIII), remetendo o leitor para o elenco exaustivo de J. A. Richmond, editor do poema na colecção Teubner (*Ex Ponto libri quattuor*, 1990). No estabelecimento do texto, foi critério de Ana Pérez Vega conferir aos testemunhos dos *recentiores* mais valor do que lhe têm reconhecido os editores mais recentes de Ovídio (p. XXXVII). Trata-se de retomar a perspectiva de Nicolaus Heinsius (p. XLVI), a quem devemos a publicação das obras completas de Ovídio no século XVII. Desta forma, aos *antiquiores* A (*Hamburgensis scriin.* 52 F), B (*Monacensis lat.* 384) e C (*Monacensis lat.* 19476) é equiparado, em termos de importância, o manuscrito S (*Argentoratensis*, séc. xi-xii), perdido desde 1870, mas reconstituído aqui com base nos testemunhos de editores mais antigos, socorrendo-se especialmente de Heinsius. À semelhança de Richmond e Owen (Loeb, 1894, 1915), Ana Pérez Vega considera os *tituli* espúrios.

Acompanha o texto um aparato de fontes, ostentando material raramente coincidente com o de Richmond. A tradução, em prosa clara e fluida, de acordo com a intenção manifestada pela A. (p. XLVI), evita um excesso de zelo em relação à língua original que resulte em estruturas menos claras no castelhano. Acrescem comentários de esclarecimento do texto, apresentados em formato de nota de rodapé. A primeira nota a cada composição, mais extensa, apresenta a *epistula* mediante identificação do destinatário (real ou fictício), contexto específico que a origina, ou tradição literária que lhe subjaz, guiando a interpretação do texto. Esta apoia-se ainda em notas mais sucintas, que esclarecem o sentido de alguns termos, identificam figuras e remetem para textos relevantes para a compreensão do passo; a orientação do leitor assume frequentemente a forma de sugestão bibliográfica. Além de tais remissões, que ficam documentadas nas notas, constituiu a A. uma Bibliografia (pp. XLIX-LIV) estruturada por tema e por tipo de instrumento (edição, estudo, comentário). Afigura-se útil o «índice de motivos do desterro», possibilitando uma leitura do poema orientada por tópicos ou temas.

ANA MARIA LÓIO

ACHILLES TATIVS, *Quae feruntur Astronomica et in Aratum Opuscula*. Ed. Georgius Di Maria. Palermo, Facoltà di Lettere e Filosofia, 1996. 97 pp. (sem ISBN)

Nos elencos bibliográficos consta a existência de um *Achilles Tatius* como autor de comentários de natureza astronómica. Alguns, prudentemente, preferem acrescentar o epíteto de *astronomus*, mas G. Di Maria é peremptório em sustentar a identidade com o autor que escreveu *De amoribus*, ou seja, Achilles Tatius com o seu *De Clitophontis et Leucippes amoribus*. Estaremos com textos que remontam ao séc. III p.C. O nosso editor admite também que bastam as subscrições dos códices para apoiarem a atribuição a um único autor e não a vários. São, efectivamente, três os textos gregos que aí constam e que aqui se editam: 1) *De universo siue Introductio in Aratum*, p. 5; 2) *De Arati genere et uita*, p. 59; 3) *De Phaenomenorum interpretatione*, p. 63 (para os designarmos em transposição latina convencional – como, aliás, consta da página de rosto desta edição). Os testemunhos são vários, entre eles: Vat. Graec. 191 e 381, do séc. XIII-XIV (a que se juntam outros: